

páginas de Machado de Assis, quando todos têm como ambientação a cidade do Rio de Janeiro? Por que se chama **Fluminense** o mais importante clube de futebol da cidade do Rio de Janeiro (com a devida licença dos flamenguistas...)? É que, na época, fim do século passado ou início do atual, o nome **carioca** não se havia generalizado como gentílico privativo da cidade do Rio de Janeiro, em contraposição a **fluminense**, réservado ao Estado do Rio. Quer se tratasse do Estado, quer da cidade, tudo era **fluminense**. O nome **carioca**, embora antiqüíssimo, só se generalizou como gentílico em época mais recente. Portanto, quando, em 1889, se manifestou a gratidão dos campineiros aos jornais do Rio, o nome proposto para a praça não poderia ser outro senão **Imprensa Fluminense**.

É este o nome que, pela sua história e pelo seu significado, não pode e não deve desaparecer. Algumas placas que a Prefeitura ali colocasse, uma em cada canto do belo logradouro, recordaria “ad perpetuum rei memoriam” nome tão significativo de nosso passado.

*

* *

TRANSCRIÇÃO

A INTERPENETRAÇÃO CULTURAL ROMANO-GERMÂNICA

Clemente Segundo Pinho

Sendo o nosso objetivo citar apenas os fatos mais expressivos, de maneira quase esquemática, visto que uma série de fatores teriam de ser estudados e relatados num estudo focalizado sobre o assunto, o que não é o fito deste trabalho, temos, no entanto, de referir-nos à facilidade geral com que se deu a fusão de populações e culturas.

Na Espanha, por exemplo, os godos fizeram-no em tempo relativamente curto. **Leovigildo lutou contra a romanização** e desejava manter a proibição de casamento entre conquistadores góticos e populações românicas, contudo, finalmente levantou a interdição. Ele próprio adotou as vestes imperiais em estilo bizantino, romano-oriental. **Recaredo, em 586**, converteu-se ao catolicismo, enquanto seu filho se tornara mártir, herói da fé cristã. Essa fusão de

em breve o nome da praça desaparecerá por completo. Centro de Convivência Cultural é o conjunto das obras ali construídas (teatro, sala de concertos, teatro de arena, salas de exposição, sede da Orquestra Sinfônica etc.), mas não a praça em si. Portanto, anunciar alguém um imóvel ou loja numa das ruas que formam a praça (General Osório, Conceição, Antônio Cesarino e São Pedro) como sendo “no Centro de Convivência Cultural” é totalmente absurdo. O mais que se poderá aceitar, para facilidade de referência, é que se diga “em frente” ou “ao lado” do Centro de Convivência.

O nome **Imprensa Fluminense** dado à praça onde se localizava o velho “Jardim Público”, e que depois de muitos anos de aridez cimentífera voltou a ser um dos mais belos logradouros da cidade, não deve e nem pode desaparecer. Há algum tempo, a Senhora Lourdes Badaró (Maria de Lourdes de Souza Campos Badaró) publicou uma série de artigos sobre o velho “Jardim Público”, cujo nome oficial passou a ser, depois de 19 de agosto de 1 889, **Praça Imprensa Fluminense**. Um dos seus antigos limites, a Rua Augusto César, desapareceu com as obras da urbanização e teve a substituí-la a Rua São Pedro Por que a denominação **Imprensa Fluminense** ? Cedamos a palavra a Lourdes Badaró:

“Em 19 de agosto de 1 889 passou o nosso Jardim Público a chamar-se **Praça Imprensa Fluminense** em homenagem e sincero agradecimento de Campinas à imprensa fluminense pela sua inestimável e valiosa colaboração e pela solidariedade demonstrada durante o triste período que atravessou sua gente na epidemia da febre amarela. A homenagem foi proposta por Otto Langaard e aceita unanimemente pela Câmara Municipal. Seis anos após a inauguração do jardim, durante o primeiro período da febre amarela, quando a cidade ficou abalada e desprovida de recursos, a imprensa fluminense, representada pelos jornais **Gazeta de Notícias, O País e Jornal do Comércio**, abriu uma subscrição popular para angariar auxílio para os flagelados e conseguiram arrecadar vultosíssima soma que foi logo remetida para nossa cidade. Além dessa ajuda material, esses jornais divulgavam notícias e publicavam artigos elogiosos sobre a nossa terra, que, amargurada, atravessava a pior etapa de sua história”.

Enfim, sintetizando: a imprensa do Rio de Janeiro fez por Campinas o que a de São Paulo não fez. Daí a gratidão dos campineiros. Alguém, outro dia, nos perguntou: se a homenagem era à imprensa da cidade do Rio de Janeiro, por que a praça não denominada **Imprensa Carioca** em vez de **Imprensa Fluminense**, uma vez que este último gentílico só é usado para o que se refere ao Estado do Rio de Janeiro e não ao antigo Distrito Federal. Foi fácil responder com dois exemplos: por que se chamam **Contos Fluminenses** as belas

cultura, ao contrário do que seria de supor, deu aos antigos bárbaros um caminho de integração das novas nacionalidades. O bispo, mais tarde santo, **Leandro**, com perspicácia e como porta-voz do novo sentimento nacional, pedia, por ocasião da conversão de Recaredo ao catolicismo, que os seus compatriotas orassem porque: “Nós constituímos, de agora em diante, o povo de um só império, e desejamos erguer as mãos ao Senhor e rezar com um só coração, tanto para a conservação do nosso império terrestre quanto pela nossa felicidade no império dos céus”. Tanto se fundem os dois espíritos das duas culturas que, quando da invasão árabe, encontra-se um povo que não distingue a sua origem germânica da origem romana. **Uma nova etnia** se havia criado, resultante da miscigenação romano-visigótica. **Os nobres** se honravam de sua linhagem genealógica gótica. O fundo de orgulho nacional, já para **Isidoro de Sevilha**, é hispano-gótico. A persistência do fundo cultural gótico se revela na base jurídica espanhola ainda no século XIII, nos *fueros*, de empréstimo germânico.

Os burgúndios por sua vez sempre tiveram para com as populações romanas um comportamento simpático. Em razão do ódio mortal alimentado pelo burgúndios, germânicos orientais contra os alamanos, germânicos ocidentais, vizinhos fronteiros, aqueles sempre se mantiveram como aliados dos romanos. Em 406 atravessaram o Reno com os vândalos. Estabeleceram-se na região do Worms e do Spira, e ali como federados defendiam o império. Converteram-se ao cristianismo. Depois da catástrofe do rei Gundahar, celebrada na famigerada lenda dos Niebelungen, os sobreviventes foram, por Aécio, situados na Sapáudia, de tal modo que é de conjecturar haver sido a atual Savóia parte da extensão do território ocupado por aquelas populações, como a região entre os lagos de Neuchatel e Genebra.

Os romanos participavam da corte burgúndia. Ambos os povos apresentavam a mesma hierarquia social. Os chefes de cantões eram indistintamente romanos ou burgúndios. Embora confessassem o arianismo, os burgúndios não acentuavam a diferença religiosa como o faziam os outros povos germânicos. No começo do sexto século essa distinção religiosa desapareceu com a constante e individual conversão búrgundia ao catolicismo. Pouco depois eram assimilados ao império franco, mas o processo de interpenetração cultural já estava realizado.

Germânicos típicos no apego aos seus traços característicos e diferenciadores de cultura foram os **alamanos**, estabelecidos entre o cotovelo do Reno e o lago de Constança. Para quem estuda a história do lado da România, foram essas populações germânicas altamente prejudiciais ao processo de romani-

zação, avessas a qualquer fusão e quase impermeáveis lingüística e culturalmente. Jamais penetraram no Império como federados, mas, como conquistadores arrogantes. Durante dois séculos resistiram à cristianização, o que significaria, de certo modo, romanização. No século VII, os missionários Columbano e Galo encontraram enormes dificuldades para arrebanhá-los para a grei cristã. Somente depois de integrados no Império Franco é que isso se tornou possível.

Entre os Ostrogodos, Teodorico, o grande, o maior dos seus chefes é o protótipo da política desse povo para com a cultura romana. Sempre primou em manter separadas as duas populações. Instalaram-se na Itália do Norte principalmente, e na Récia, Panônia Simiense, Dalmácia. Dominaram na península itálica, em profundidade, o vale do Pó e o norte da Toscana. Inúmeros fatores, entretanto, persistiam na separação dos dois povos. Favoreceram a nobreza romana, mas não cobriram toda a extensão da península, pois, a Itália meridional e média pouco conheceram dos estabelecimentos góticos. Teodorico compreendia a sua função como defensor da região contra os outros povos germânicos, daí a insistência de bloquear a Itália setentrional. A desigualdade de penetração impediu a fusão cultural.

No III século, piratas saxões, partindo das costas ocidentais da Germânia atingiam a Gália e a Bretanha. Os francos só passaram a interessar-se pela navegação com a incorporação de tribos escandinavas ao Império. Os germanos mais afoitos nas navegações invadiram a Bretanha da qual os romanos já haviam retirado tropas, com objetivo de defender outras terras, em 411. O elemento precioso para a romanização já não mais existia, de tal modo que a luta pela defesa das ilhas restringiu-se à oposição entre os celtas e anglos e saxões. Foram obrigados alguns grupos bretões a abandonar o país e a instalar-se na Armórica, francamente povoada, em 455. Nessa região a língua romana foi vencida pela introdução do céltico.

No V século, os francos estavam instalados à margem direita do Reno, frente a Colônia, e na Toxandria. Os francos em 460 tomam Colônia e penetram na Germânia. Sidônio Apolinário, que morava em Treves cumprimenta Arbogasto, pelos conhecimentos da língua latina, enquanto que noutras partes, como nas margens do Mosela não mais era cultivada.

As férteis regiões do baixo Sena, abandonadas pelos romanos depois da queda do Império do Ocidente, sofreram invasões lentas dos francos sálios que deixaram a Toxandria e dirigiam-se para o sul.

Graças às operações militares bem sucedidas e à sua habilidade, Clóvis, ao morrer deixa o país franco unido. Desde os vinte anos, em 486, esse

príncipe franco conseguira reunir os compatriotas para as lutas que levariam à unificação. A corte franca era um foco de interpenetração cultural galo-romano-germânica. Perante o monarca tinham os mesmos direitos os francos e os galo-romanos. A organização político-administrativa romana foi estendida ao império franco em vários setores. Em 496 Clóvis adota como religião o cristianismo católico. O que havia sido uma dificuldade nos contactos entre germanos góticos e romanos passa a ser um elo de compreensão espiritual entre francos e romanos.

Os lombardos atingiram a Itália em 568. Fugiam dos terríveis avaros. Em pouco tempo dominam a planície do Pó. Com a morte do chefe condutor da migração, Alboin, o povo lombardo, sem a organização dos francos merovíngios, assiste à disputa do poder por uns trinta e cinco duques. Com iniciativa própria vários bandos se espalham, conduzindo para a frente, para o sul, a cultura lombarda. Assim atingem o leste da Úmbria, dos Abruzos a Bari, depois a Toscana, em 79. Um século de lutas entre os invasores e os romanos imperiais se segue. A preponderância lombarda é sempre crescente. O novo Estado germânico dispensava a colaboração de indivíduos romanos. São, pois, na sua linha de conduta com os antigos senhores bem diversos os tratamentos lombardo e franco. Chegados um século mais tarde que os francos, passando mais um em lutas sangrentas, atrasaram-se dois séculos no processo de romanização. Com o processo de volta dos germanos ao catolicismo, opera-se mais rapidamente o processo de assimilação. O processo de violência empregado para com os possuidores de terras, não se revelou na miscigenação, pois, desde o início os lombardos admitiram o casamento com as populações de língua romana. Já se haviam misturado com os gépidas e búlgaros.

O papado, reconhecendo Pepino como chefe do império franco, encontrou naquele rei um aliado contra os lombardos possuidores de ricas terras — 754 — e logo substitui Bizâncio no domínio daquelas regiões. Separa-se a Itália, desde essa época, numa zona de afirmações nacionais e noutra sob a influência do papado, voltado para preocupações universalistas da Igreja. Carlos Magno, conseguindo derrotar o rei lombardo, 774, inclui no seu reino o lombardo.

(O tempo, a personalidade e a obra de Isidoro Hispalense, 5/8. Publ. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1 965.)

*

* *